

A FÉ REFORMADA



Loraine Boettner

A fé reformada

Lorraine Boettner

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
Editora Monergismo
Caixa Postal 2416
Brasília, DF, Brasil – CEP 70.842-970

Sítio: www.editoramonergismo.com.br

1ª edição, 2016

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto
Revisão: Rogério Portella

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS, SALVO EM BREVES CITAÇÕES,
COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da versão
Almeida Revista e Atualizada (ARA) salvo indicação em
contrário.

Título original: *The Reformed Faith*

Sumário

[Prefácio à edição brasileira](#)

[A soberania de Deus](#)

[A condição totalmente desesperada do homem](#)

[A expiação realizada por Cristo](#)

[A presciência de Deus](#)

[As passagens universalistas](#)

[Os contraste dos dois sistemas](#)

[Os “cinco pontos” do arminianismo](#)

[Os “cinco pontos” do calvinismo](#)

[Sobre o livro](#)

[Apêndice: Loraine Boettner: Teólogo e Escritor Americano \(1901-1990\)](#)

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Com alegria recomendo esta pequena exposição da soteriologia reformada ou calvinista ao público brasileiro. Com certeza será de grande utilidade a todos, principalmente a pastores que queiram apresentar um belo resumo da salvação monergista a membros recém-chegados à comunidade reformada. Creio não haver exagero nas palavras do rev. Donald C. Graham sobre a edição original:

Agora temos uma ferramenta quase perfeita para propagar as verdades preciosas da predestinação e fé reformada. Refiro-me ao resumo de 28 páginas dos cinco pontos do calvinismo sob o título *A fé reformada*. Trata-se de um livreto extremamente útil, que pode ser distribuído à congregação toda; um para a família que prometa lê-lo. Pensamos ser este o melhor tipo de investimento.^[1]

Loraine Boettner foi um importante teólogo do século XX. Entre suas diversas obras destacam-se *The Reformed Doctrine of Predestination* [A doutrina reformada da predestinação] e *The Millennium* [O milênio]. O primeiro consistiu em uma grande contribuição para a época que redescobriu o valor e a beleza da doutrina bíblica da predestinação divina; o último reviveu o debate no século XX sobre o pós-milenarismo, a vertente escatológica predominante durante muito tempo entre os reformados.

Infelizmente, Boettner ainda é pouco conhecido no Brasil. Por esse motivo, traduzi esse texto e incluí na edição em português uma pequena biografia sobre esse grande e humilde homem de Deus.

Soli Deo gloria!

— **Felipe Sabino de Araújo Neto**
Brasília, 16 de julho de 2016

A SOBERANIA DE DEUS

O propósito deste artigo é apresentar, em linguagem clara e termos facilmente compreensíveis, as diferenças básicas entre os sistemas calvinista e arminiano de teologia, e mostrar o que a Bíblia ensina a respeito do assunto. A harmonia entre as várias doutrinas da fé cristã é tal que o erro relativo a qualquer uma delas produz distorção (maior ou menor) em todas as outras.

Existem na verdade apenas dois tipos de pensamento religioso. Há a religião da fé e há a religião das obras. cremos que o calvinismo — designação dada ao longo da história da igreja — é o entendimento mais puro e consistente da religião da fé, ao passo que o que veio a ser conhecido por arminianismo foi diluído em um grau perigoso pela religião de obras e que é, portanto, uma forma inconsistente e oscilante de cristianismo. Em outras palavras, cremos que o cristianismo se apresenta de forma mais pura e plena na fé reformada.

Esses dois tipos de pensamento religioso entraram em conflito direto no início do século V, um contraste muito claro evidenciado por dois teólogos desse século, Agostinho e Pelágio. Agostinho conduzia os homens para Deus — a fonte de toda a sabedoria e força espiritual —, enquanto Pelágio direcionava os homens para si mesmos e lhes dizia da capacidade da própria força de realizar tudo o que Deus ordenou, do contrário, Deus não o teria feito. cremos que o arminianismo representa a harmonização desses dois sistemas, mas que ainda na forma mais evangélica — como no antigo wesleyanismo — aproxima-se da religião da fé, não obstante contenha sérios elementos de erro.

Vivemos dias em que praticamente todas as igrejas históricas são atacadas de dentro pela incredulidade. Muitas delas já sucumbiram. E quase de modo invariável a linha de declínio desce do calvinismo para o arminianismo, do

arminianismo para o liberalismo, e daí para o unitarismo. A história do liberalismo e do unitarismo mostra que eles se diluíram no evangelho social fraco demais para se sustentar. Estamos convencidos de que o futuro do cristianismo depende do sistema de teologia historicamente chamado “calvinismo”. Nos lugares em que os princípios teocêntricos do calvinismo foram abandonados ocorre uma forte tendência em direção às profundezas do naturalismo ou secularismo antropocêntrico. cremos que alguns declararam com correção não existir ponto de parada consistente entre o calvinismo e o ateísmo.

O princípio básico do calvinismo é a soberania de Deus. Ele representa o propósito do Deus trino como absoluto e incondicional, independente de toda a criação finita, originado de modo único no conselho eterno da vontade divina. Deus determina o curso da natureza e dirige o rumo da história nos mínimos detalhes. Assim, seus decretos são eternos, imutáveis, santos, sábios e soberanos. Eles são representados na Bíblia como a base da presciência divina de todos os acontecimentos futuros, e não condicionados por essa presciência ou algo originado nos próprios eventos.

Todo ser reflexivo observa de pronto que algo soberano rege sua vida. Ele não foi questionado se desejava existir ou não, quando, de quem ou onde nasceria, se no século XX ou antes do Dilúvio, se homem ou mulher, se branco ou preto, se nos Estados Unidos, na China ou África. Todas essas coisas foram soberanamente decididas para ele antes de vir à existência. Os cristãos reconhecem em todas as eras que Deus é o Criador e Governador do mundo, e que como tal ele é a fonte última de todo o poder encontrado no mundo. Assim, nada pode acontecer à parte de sua soberana vontade. De outra forma ele não seria verdadeiramente DEUS. Quando ponderamos sobre essa

verdade descobrimos que ela envolve considerações que estabelecem a posição calvinista e refutam a arminiana.

Pelo fato de Deus ter criado tudo que existe, ele é o Dono absoluto e Ordenador final de tudo que fez. Ele não exerce apenas a influência final, mas de fato governa todos os assuntos dos homens (At 4.24-28). Mesmo as nações são como o pó da balança quando comparadas com sua grandeza (Is 40.12-17). Em meio a todas as aparentes derrotas e incoerências da vida, Deus de fato controla todas as coisas com majestade imperturbável. Até as ações pecaminosas dos homens podem acontecer apenas por sua permissão e com a força por ele concedida à criatura. Visto que ele permite não a contragosto, mas de forma voluntária, então tudo que acontece — incluindo-se as ações pecaminosas e o destino final dos homens — deve estar, em algum sentido, de acordo com o que ele propôs e decretou eternamente. Na mesma proporção em que se nega isso, Deus é excluído do governo do mundo, e tem-se apenas um Deus finito. Naturalmente, surgem algumas dificuldades que no presente estado de conhecimento somos incapazes de explicar de forma plena. Todavia, isso não é razão suficiente para rejeitar o que a Escritura e os simples ditames da razão afirmam ser verdade.

E não deveríamos crer que Deus pode converter um pecador quando ele quiser? Não pode o Todo-poderoso, o onipotente Governante dos céus e terra, mudar o caráter das criaturas que criou? Ele mudou a água em vinho em Caná e converteu Saulo no caminho de Damasco. O leproso disse: “Senhor, se quiseres, podes purificar-me” (Mt 8.2). E com uma palavra sua lepra sumiu. Não cremos, como os arminianos, que Deus seja incapaz de controlar a vontade humana, ou que não possa regenerar uma alma quando lhe aprouver. Ele é tão capaz de purificar a alma quanto o corpo. Se escolhesse fazê-lo, poderia levantar um grande número de ministros cristãos, missionários e obreiros de

vários tipos, e poderia agir de tal forma por seu Espírito Santo que o mundo inteiro seria convertido em pouquíssimo tempo. Se tivesse proposto salvar todos os homens, ele poderia ter enviado hostes de anjos para instruí-los e realizar obras sobrenaturais na terra. Poderia agir de modo maravilhoso no coração de cada pessoa de forma que ninguém se perdesse.

Pelo fato de o mal existir só por sua permissão, ele poderia, se quisesse, extirpar sua existência. Seu poder a esse respeito foi demonstrado, por exemplo, na obra do anjo destruidor que matou em uma única noite todos os primogênitos dos egípcios (Êx 12.29), e em outra feriu 185 mil soldados do exército assírio (2Rs 19.35). Ele também o demonstrou quando a terra se abriu e engoliu Corá e seus aliados rebeldes (Nm 16.31-35). O rei Herodes foi ferido e morreu de maneira horrível (At 12.23). Em Daniel 4.34, 35 lemos sobre o Deus Altíssimo:

... cujo domínio é sempiterno, e cujo reino é de geração em geração. Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?

Tudo isso ressalta o princípio básico da fé reformada — a soberania divina. Deus criou o mundo em que nos encontramos, ele é seu dono e o conduz de acordo com seu bom propósito soberano. Deus não perdeu nada do seu poder. É uma desonra à sua pessoa supor que ele lute com a raça humana, fazendo o melhor que pode para persuadir os homens a agir com correção, mas seja incapaz de realizar seu propósito eterno, imutável, santo, sábio e soberano.

Qualquer sistema que ensine a possibilidade de derrota das intenções sérias de Deus em alguns casos e que o homem pode exercer poder de veto sobre os planos do

Deus Altíssimo, mesmo sendo apenas uma criatura pecadora, está em flagrante contraste com o conceito bíblico da exaltação imensurável pela qual Deus não é afligido por nenhuma das fraquezas humanas. Os planos dos homens nem sempre são executados, pois lhes falta poder, sabedoria ou ambos. Contudo, Deus é ilimitado nesses e em todos os outros recursos, e nenhuma emergência pode surgir. Para ele inexistem causas de mudança. Presumir falhas em seu plano e a existência de esforços em vão equivale a reduzi-lo ao nível das criaturas e negar sua divindade.

A CONDIÇÃO TOTALMENTE DESESPERADA DO HOMEM

À medida que lemos as obras de vários escritores arminianos, vemos que seu primeiro erro, e talvez o mais sério, é a importância insuficiente dada à rebelião pecaminosa e ao afastamento espiritual entre a raça humana e Deus, ocorrido na Queda de Adão. Alguns a negligenciam de modo total, enquanto outros parecem considerá-la um fato bem distante com pouca influência sobre a vida hoje. Todavia, a menos que insistamos na realidade da separação espiritual de Deus, e seu efeito totalmente desastroso para toda a raça humana, jamais seremos capazes de avaliar de modo adequado nossa condição real ou a necessidade desesperada do Redentor.

Talvez nos ajude a perceber com mais clareza a condição realmente decaída do homem se a compararmos com a dos anjos desobedientes. Os anjos foram criados antes do homem, e cada anjo foi colocado em um teste como ser individual, pessoal e moral. Esse, ao que parece, consistiu no teste mais puro de obediência, como ocorreu com Adão. Alguns anjos passaram no teste, por razões plenamente conhecidas só por Deus, e como resultado, foram confirmados no estado de perfeita santidade angélica, e são agora os anjos eleitos no céu (1Tm 5.21). No entanto, outros foram reprovados e agora são os demônios sobre quem lemos nas Escrituras, dentre os quais o diabo é aparentemente o de mais alto escalão.

Lê-se em Judas: “anjos [...] que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, [Deus] tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande Dia” (v. 6). E em 2 Pedro lemos: “Deus não poupou anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo” (2.4). O diabo e os demônios estão totalmente alienados de Deus, entregues ao pecado, e sem qualquer

esperança de redenção. Seu destino é descrito por Cristo como ser lançado no “fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos” (Mt 25.41).

Não há redenção para os anjos caídos. O escritor da epístola aos Hebreus diz: “Pois ele, evidentemente, não socorre anjos, mas socorre a descendência de Abraão” (2.16). O destino deles é fixo e certo. Para homens e anjos o castigo sem fim é a penalidade do pecado sem fim contra Deus. Alguns tentam fazer Deus parecer injusto ao infligir castigo sem fim pelos pecados cometidos apenas nesta vida. Mas os homens e anjos (ou demônios) perdidos estão em rebelião sem fim contra Deus, e receberão punição sem fim por ela.

Quando Deus criou o homem como criatura moral, ele seguiu um plano diferente do realizado com os anjos. Em vez de criar todos os homens ao mesmo tempo e colocá-los em teste individualmente, ele criou um homem, com corpo físico, de quem toda a raça humana descenderia, e que, por causa de sua união com todos os que descenderiam dele, poderia ser designado cabeça federal ou legal e representante de toda a raça humana. Se passasse no teste, ele e todos os seus descendentes, seus filhos, seriam confirmados em santidade e estabelecidos no estado de perpétua bem-aventurança como ocorreu com os santos anjos. Mas se caísse, como o fizeram os outros anjos, ele e toda a sua posteridade estariam sujeitos ao castigo eterno. É como se Deus tivesse dito: “Desta vez, se o pecado entrar, que seja por meio de um homem, para que a redenção possa ser providenciada por um homem”.

Portanto, Adão em sua capacidade representativa foi colocado em um teste de pura obediência humana. A penalidade da desobediência foi posta com clareza diante dele: “E o SENHOR Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no

dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2.16,17).

Dessa forma, a penalidade declarada de modo inequívoco para o pecado era a morte — exatamente a mesma penalidade aplicada aos anjos caídos. Tratava-se apenas de um teste para saber se o homem seria ou não um súdito obediente e apreciador no reino dos céus, como aconteceu com os anjos. Um teste perfeitamente justo e simples, apresentado sem mistificações, bastante favorável a Adão, para o qual ele não teria nenhuma desculpa se desobedecesse.

Mas, tragédia das tragédias, Adão caiu. E toda a raça humana caiu com ele — seu representante. As consequências do pecado estão contidas no termo morte, no sentido mais pleno. Em primeiro lugar, ocorreu a morte espiritual, ou separação de Deus, o cumprimento da ameaça. Adão morreu em sentido físico só 930 anos após a queda. Mas ele estava espiritualmente alheio a Deus e morreu em sentido espiritual no mesmo instante que pecou. Nesse instante sua vida tornou-se a marcha incessante para a sepultura. O homem, na vida, não foi tão longe nos caminhos do pecado como ocorreu com o diabo e os demônios, pois ele ainda recebe muitas bênçãos derivadas da graça comum, como saúde, riqueza, família e amigos, as belezas da natureza, e ainda se encontra rodeado por muitas influências restritivas. Todavia, ele está a caminho. E se não fosse controlado, o homem se tornaria em algum momento tão mau quanto os demônios. No estado caído ele teme a Deus, tenta fugir dele, e literalmente o odeia, como o fazem os demônios. Deixado a si mesmo, ele permaneceria para sempre nessa condição, pois está escrito: “Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus” (Rm 3.10,11). Nada, além de um ato sobrenatural e poderoso da parte de Deus pode resgatá-lo dessa condição. Assim, para ser resgatado,

Deus deve tomar a iniciativa, pagar a penalidade por ele, limpá-lo de sua culpa, e reintegrá-lo em santidade e justiça.

E isso é precisamente o que Deus faz. Ele tira um homem do reino de Satanás, de forma soberana, e o coloca no reino dos céus. Esses são os eleitos mencionados cerca de 25 vezes nas Escrituras: “Por causa dos escolhidos, tais dias serão abreviados [na destruição de Jerusalém]” (Mt 24.22); “Reconhecendo, irmãos, amados de Deus, a vossa eleição” (1Ts 1.4); “A eleição o alcançou; e os mais foram endurecidos” (Rm 11.7); “Quem tentará acusação contra os eleitos de Deus?” (Rm 8.33) (dentre outras mais).

A Bíblia nos diz que Deus resgatou uma multidão da raça humana da penalidade de seus pecados. A fim de realizar essa obra, Cristo, a segunda Pessoa da Trindade, tomou sobre si a natureza humana por meio do milagre do nascimento virginal, e nasceu na raça humana como qualquer criança normal. Deus se encarnou dessa forma, tornou-se um de nós. Jesus então viveu de modo perfeito, sem pecado, entre os homens como o representante do seu povo, e se colocou diante de sua própria lei, e sofreu em sua pessoa a penalidade prescrita por Deus para o pecado. Em sua vida impecável, Cristo guardou com perfeição a lei de Deus transgredida por Adão, e assim alcançou a justiça perfeita para seu povo e, dessa forma, obteve o direito de entrar no céu. O que ele sofreu, como pessoa de valor e dignidade infinitos, equivaleu ao que seu povo sofreria na eternidade no inferno. Assim ele livrou seu povo da lei do pecado e da morte. E à medida que os frutos dessa obra redentora são aplicados às pessoas dadas ao Filho pelo Pai, eles são declarados regenerados pelo Espírito Santo, isto é, revividos em sentido espiritual, nascidos de novo.

Paulo expressa essa ampla verdade quando diz na epístola aos Romanos:

Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim

também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram... Todavia, não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se, pela ofensa de um só, morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, foram abundantes sobre muitos... Pois assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida. Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos. (Rm 5.12-19)

A menos que alguém perceba o contraste entre o primeiro e o segundo Adão, jamais entenderá o sistema cristão.

E escrevendo aos santos em Éfeso, Paulo disse: “Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados”. E continua, dizendo-nos:

... éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais. Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, pela graça sois salvos, e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus; para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus. Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas

obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas. (Ef 2.1-10)

Na teologia cristã há três atos separados e distintos de imputação. Em primeiro lugar, o pecado de Adão é imputado a todos nós, seus filhos; isso ocorre em sentido judicial e é colocado em nossa conta de forma que somos considerados responsáveis por ele e sofremos suas consequências. Isso é comumente conhecido como a doutrina do pecado original. Em segundo lugar, e da mesma maneira, nosso pecado é imputado a Cristo de forma que ele sofre as consequências. E em terceiro lugar, a justiça de Cristo é imputada a nós e nos assegura a entrada no céu. Sem dúvida, não somos pessoalmente culpados do pecado de Adão, como Cristo não é pessoalmente culpado dos nossos pecados, e não somos pessoalmente merecedores por conta da justiça do Senhor a nosso favor. Em cada caso trata-se de uma transação judicial. Recebemos salvação de Cristo da mesma forma que recebemos a condenação e a ruína de Adão. Em cada caso o resultado decorre da união oficial íntima entre os envolvidos. Rejeitar qualquer um desses três passos equivale à rejeição de parte essencial do sistema cristão.

Assim, vemos o paralelo estrito entre Adão e Cristo na questão da salvação. Nas passagens acima, Paulo reúne frase sobre frase para enfatizar o fato de não estarmos apenas doentes, ou desinteressados em sentido espiritual, mas espiritualmente mortos. Cristo mesmo disse: “Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” (Jo 3.3). E de novo: “Qual a razão por que não compreendeis a minha linguagem? É porque sois incapazes de ouvir a minha palavra” (Jo 8.43). O homem não regenerado não pode ver o reino de Deus, nem ouvir de alguma forma discernidora para o espírito as palavras a respeito do reino, muito menos consegue entrar nele. Tivéssemos sido

deixados a nós mesmos, como os anjos caídos, ninguém jamais se voltaria para Deus.

A pessoa espiritualmente morta não pode conceder vida espiritual a si mesma, da mesma forma que a pessoa morta em sentido físico não pode se dar vida física. Isso requer um ato sobrenatural da parte de Deus. Entramos na família divina da mesma forma que entramos na família humana, a saber, nascendo nela. Por esse ato sobrenatural, o próprio Deus, mediante o Santo Espírito, nos tira de forma soberana do reino de Satanás para nos colocar em seu reino espiritual por meio do renascimento espiritual.

E tendo uma vez nascido no reino de Deus, esse ato não pode ser desfeito. Visto requerer-se um ato sobrenatural para nos levar ao estado de vida espiritual, exigir-se-ia outro ato semelhante para nos tirar dele. Por conseguinte, temos a certeza absoluta de que os regenerados tornaram-se cristãos verdadeiros, e jamais perderão sua salvação, mas serão providencialmente guardados pelo poder de Deus ao longo de todas as provas e dificuldades da vida e, por fim, conduzidos ao reino celestial. “Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida” (Jo 5.24). “E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2Co 5.17). “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão. Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatar” (Jo 10.27-29). Isso é conhecido como a doutrina da segurança eterna ou a perseverança dos santos.

O dom da vida eterna não é conferido a todos os homens, mas só a quem Deus escolhe. Isso não significa que quem queira ser salvo está excluído, pois o convite é: “Quem quiser receba de graça a água da vida” (Ap 22.17).

O fato é que a pessoa morta em espírito não pode vir: “Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer [literalmente, arrastar]; e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6.44). Só os despertados (tornados vivos em sentido espiritual) pelo Espírito Santo sentirão essa vontade ou desejo. Eles são chamados eleitos na Escritura. Todavia, em contraste, há outro grupo que podemos chamar não eleitos. E concernente a eles o professor Floyd Hamilton escreveu de maneira muito apropriada:

Tudo que Deus faz é deixá-los sozinhos e permitir que eles tomem seu caminho sem interferência. A maldade faz parte de sua natureza, e Deus apenas ordenou de antemão deixar essa natureza intocada. A imagem feita muitas vezes pelos oponentes do calvinismo, do Deus cruel que se recusa a salvar todos os que querem ser salvos, é uma caricatura grosseira. Deus salva todos os que desejam ser salvos, mas ninguém com a natureza não transformada deseja ser salvo.

A EXPIAÇÃO REALIZADA POR CRISTO

Não somos informados do motivo de Deus não salvar toda a humanidade, pois todos são igualmente indignos, e o sacrifício no Calvário foi de uma pessoa de valor infinito, mais que suficiente para salvar todos os homens caso Deus assim desejasse. A Escritura nos diz, no entanto, que nem todos serão salvos. Pode-se dizer, contudo, que a expiação, executada a um enorme custo ao próprio Deus, é sua propriedade, e ele tem a liberdade de fazer o uso que quiser dela. Ninguém pode reivindicar alguma parcela. Somos informados repetidas vezes de que a salvação decorre da graça. E graça significa favor demonstrado ao indigno, a quem não merece. Caso alguma parte da salvação do homem fosse devida às boas obras humanas, então haveria de fato certa diferença nos homens, e quem tivesse respondido à oferta graciosa poderia com justiça apontar o dedo de escárnio ao perdido e dizer: “Você teve a mesma chance que eu e a recusou. Eu aceitei; portanto, você não tem desculpa”. Mas não! Deus arranjou esse sistema de tal forma que os salvos podem apenas ser eternamente gratos por Deus os salvar.

Não nos cabe perguntar por que Deus faz o que faz, pois a Escritura declara:

Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus? Porventura, pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro direito sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outro, para desonra? Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição, a fim de que também desse a conhecer as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia, que para glória preparou

de antemão, os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios? (Rm 9.20-24)

Só os calvinistas parecem levar a Queda do homem a sério. Uma avaliação apropriada da Queda e da presente condição desesperada do homem é o elemento ausente em grande parte do pensamento, do ensino e da pregação de hoje. O arminianismo comete um erro sério ao presumir que o homem conta com capacidade suficiente para se voltar para Deus, bastando-lhe desejar. Os calvinistas insistem que o homem não está apenas doente, indisposto, ou carecendo apenas do incentivo correto; ele está morto em espírito, e a expiação realizada por Cristo não torna a salvação meramente uma possibilidade abstrata, de forma que todos os homens podem se voltar a Deus se quiserem. Os calvinistas afirmam que a expiação consiste em uma obra objetiva, realizada na história, e removeu todas as barreiras legais contra as pessoas às quais ela seria aplicada, e que ela se daria pela obra do Espírito Santo ao aplicar de forma subjetiva os méritos da expiação ao coração de quem ela foi por Deus destinada.

Chamamos atenção mais uma vez para um dos versículos mais importantes da Escritura sobre a questão da salvação: “Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6.44). Outro similar é: “Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora” (Jo 6.37). E Paulo escreveu aos cristãos em Corinto: “Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1Co 2.14).

E como Deus faz os eleitos exercerem a fé? A resposta é: na regeneração o Espírito Santo subjuga para si o coração humano, e implanta no homem a nova natureza que ama a

justiça e odeia o pecado. Ele não força o homem contra sua vontade, mas o torna obediente à vontade divina de modo amoroso e obediente. Quando o Senhor Jesus apareceu a Saulo, o perseguidor endurecido, quando ele estava a caminho de Damasco, este tornou-se obediente à vontade do Senhor de imediato. “Apresentar-se-á voluntariamente o teu povo, no dia do teu poder”, disse o salmista (110.3). Assim, Deus concede a seu povo o desejo. Esse ato da parte de Deus, na natureza subconsciente da pessoa, é conhecido como regeneração, novo nascimento, ou nascer de novo. Quando o homem recebe dessa forma a nova natureza, reage de acordo com ela, como o fazem todas as criaturas de Deus. Ele então exercita a fé e pratica as boas obras características do arrependimento de maneira tão natural quanto a videira produz uvas. Da mesma forma que o pecado era seu elemento natural, agora a santidade torna-se o elemento natural — não de modo instantâneo, pois resquícios da velha natureza ainda se agarram a ele, e enquanto permanecer no mundo ainda estará no ambiente repleto de pecados. Contudo, pelo fato de sua nova natureza ser livre para se expressar, ele cresce em justiça, tem prazer na leitura da Palavra de Deus, na oração e na comunhão com outros cristãos.

Deve-se escolher, portanto, entre a expiação de alta eficiência, consumada com perfeição, e a expiação de ampla extensão, consumada de modo imperfeito. Não se pode ter as duas coisas. Caso o fizéssemos, defenderíamos a salvação universal. Todavia, os arminianos estendem tanto a expiação que no que diz respeito ao efeito real, que ela não conta com nenhum valor além de constituir um exemplo de ação altruísta. Dr. Benjamin B. Warfield usou uma ilustração muito simples para apresentar essa verdade. Ele disse que a expiação é como massa de pizza: quanto mais você a ampliar, mais fina ela se tonará. E os arminianos, quando a aplicam a todos os homens, reduzem

sua eficácia em tal medida que ela deixa de ser, na prática, expiação.

Além disso, se Deus tivesse lançado os pecados de todos os homens sobre Cristo isso significaria que, com respeito aos perdidos, ele puniria os pecados deles duas vezes, primeiro em Cristo, e então neles. Sem dúvida, isso seria injusto. Se Cristo lhes pagou o débito, eles estão livres, e o Espírito Santo inevitavelmente os trará à fé e ao arrependimento. Se a expiação é de fato ilimitada, isso significa que Cristo morreu por multidões cujo destino já havia sido destinado, e elas já estavam no inferno quando ele sofreu. Se a expiação apenas anula a sentença existente contra o homem, no sentido de lhe dar uma nova chance, caso exerça fé e obediência, isso significaria que Deus o coloca em um teste de novo, como fez com Adão, seu ancestral. Mas esse tipo de teste já foi realizado e obteve resultado há muito tempo no ambiente muito mais favorável. Levada à conclusão lógica, a teoria da expiação ilimitada conduz ao absurdo. Deveríamos nos lembrar de que o sofrimento de Cristo na natureza humana, ao pender da cruz naquelas seis horas, não foi primariamente físico, mas mental e espiritual. Quando exclamou: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste”, ele estava literalmente sofrendo as dores do inferno, pois o inferno consiste em essência na separação de Deus e de tudo que é bom e desejável. Esse sofrimento ultrapassa nossa compreensão. No entanto, visto que ele sofreu como pessoa divino-humana, seu sofrimento equivaleu à totalidade do que seu povo teria sofrido a eternidade toda no inferno.

De fato, os redimidos ganham muito mais com a redenção em Cristo do que perderam em decorrência da queda de Adão. Na encarnação, Deus se dirigiu de forma literal à raça humana e tomou a natureza humana sobre si mesmo. Essa natureza será mantida para sempre no corpo glorificado de Cristo, e evidentemente ele será o único Deus

visível que contemplaremos no céu. Pedro nos diz que agora somos “coparticipantes da natureza divina” (2Pe 1.4); e Paulo afirma que somos “herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo” (Rm 8.17). Pense nisso: coparticipantes da natureza divina, e coerdeiros com Cristo! Que maior bênção Deus poderia nos conferir? Desse modo, somos superiores aos anjos, pois eles são designados na Escrituras apenas como mensageiros de Deus, seus servos.

Em última instância, os arminianos se deparam com o mesmo problema que os calvinistas — o problema mais amplo a respeito do motivo de o Deus de santidade e poder infinito permitir o pecado. No presente estado de conhecimento só podemos apresentar uma resposta parcial. Mas os calvinistas encaram esse problema, reconhecem a doutrina escriturística de que todos os homens tiveram a chance justa e favorável em Adão, que Deus agora salva por sua graça alguns da raça caída enquanto deixa outros no caminho pecaminoso que escolheram e manifesta sua justiça na punição deles. Todavia, tendo admitido a presciência, o arminianismo não possui explicação para o motivo de Deus criar, de forma propositada e deliberada, as pessoas que ele sabe que se perderão e passarão a eternidade no inferno.

Contudo, com respeito ao problema do mal, podemos dizer que Deus criou o mundo como um teatro em que ele exhibe sua glória e seus atributos maravilhosos para serem contemplados e admirados por todas as suas criaturas — seu ser, sua sabedoria, seu poder, sua santidade, justiça, bondade e verdade. Aqui nos preocupamos em sentido primário com sua justiça.

A justiça divina demanda que a bondade seja recompensada e o pecado punido. É justo e necessário que o pecado seja punido e a bondade recompensada. Deus seria injusto se falhasse em uma das coisas. Portanto, ele criou homens e anjos — não como robôs que produziriam

boas obras de forma automática como uma máquina produz parafusos ou latas, mas não merece nenhuma recompensa — como agentes morais livres, criados à sua imagem, capazes em Adão, antes da Queda, de escolher entre o bem e o mal. Ele manifesta sua justiça para com quem se propôs a salvar em graça, recompensando as boas obras encontradas em Cristo, seu Salvador, e creditadas a eles, confirmando-os em santidade, e admitindo-os ao céu. Ele manifesta sua justiça para com quem se propôs a preterir por sua permanência voluntária no pecado.

Da mesma forma, se o pecado tivesse sido excluído, não haveria revelação adequada dos atributos gloriosos e divinos de graça, misericórdia, amor e santidade, demonstrados na redenção de pecadores. Lembremo-nos de que os anjos no céu obtiveram a salvação por meio de um pacto de obras, guardando a lei de Deus. Como no caso de Adão, foi-lhes prometida certa recompensa caso obedecessem. Eles obedeceram, e foram confirmados em santidade. Os anjos não experimentaram a salvação pela graça. Há um antigo hino que diz: “Quando canto a história da redenção, os anjos dobram suas asas e ouvem”.^[2] E assim será no contraste final entre homens e anjos.

Dessa forma, a explicação para a existência do pecado é que Deus o permite, mas o controla e governa para sua glória. Se o pecado fosse excluído da criação esses atributos gloriosos nunca teriam sido demonstrados de modo adequado para o universo inteligente de homens e anjos; eles teriam permanecido para sempre ocultos nas profundezas da natureza divina.

A PRESCIÊNCIA DE DEUS

Os arminianos evangélicos reconhecem a presciência divina, e que ele, portanto, é capaz de predizer acontecimentos futuros. Mas se Deus conhece de antemão qualquer coisa futura, então esse evento está tão fixo e certo como se fosse preordenado. Pois a presciência implica certeza, e certeza implica preordenação. Os arminianos evangélicos não negam a existência da eleição para a salvação, pois não podem se esquivar das palavras “eleito” e “eleição”, que ocorrem cerca de 25 vezes no Novo Testamento. Mas eles tentam destruir a força dessas palavras dizendo que a eleição se baseia na presciência: Deus observa a larga avenida do futuro e enxerga quem responderá à sua oferta graciosa, e assim elege.

Todavia, ao reconhecer a presciência, o arminiano faz uma concessão fatal. Em sentido figurado, ele corta a própria garganta pela simples razão de, ao Deus prever os salvos, ele também antevê os perdidos. Por que, então, ele cria as pessoas que se perderão? Sem dúvida, ele não era obrigado a criá-los. Não existe nenhum poder fora dele forçando-o a agir assim. Se ele deseja que todos os homens sejam salvos e tenta firmemente salvá-los, ele poderia pelo menos se refrear de criar aqueles que, se criados, com certeza se perderiam.

Os arminianos não podem sustentar com coerência a presciência divina e ainda negar as doutrinas da eleição e predestinação. A questão persiste: por que Deus cria as pessoas sabendo que elas irão para o inferno? Seria mera tolice desejar ou tentar salvar quem ele sabe que se perderá. Isso seria agir contra si mesmo. Mesmo o homem sensato não tentará fazer o que sabe não conseguir ou ser incapaz de fazer. Os arminianos não têm opção além de negar a presciência divina — e então contar só com um Deus limitado, ignorante e finito, que na verdade não é

Deus no sentido verdadeiro da palavra. Se a eleição se baseia na presciência, isso a torna tão sem sentido que mais a confunde que esclarece. Pois mesmo com respeito aos eleitos, qual seria o sentido de Deus eleger quem ele sabe de antemão que elegerão a si mesmos? Isso seria um disparate.

AS PASSAGENS UNIVERSALISTAS

Provavelmente a defesa mais plausível do arminianismo se encontra nas passagens universalistas da Escritura. Três das mais citadas são: “Não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (2Pe 3.9); [Deus, nosso Salvador] “o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (1Tm 2.4); e “Cristo Jesus, homem, o qual a si mesmo se deu em resgate por todos” (1Tm 2.5,6).

Com respeito a esses versículos devemos manter em mente que, como dissemos antes, Deus é o Governante soberano absoluto de céus e terra, e nunca devemos pensar nele desejando ou lutando para fazer algo que ele mesmo sabe que jamais fará. Agir de outra forma seria tolice. A Escritura nos diz que alguns homens se perderão, assim 2 Pedro 3.9 não pode significar que Deus deseja ou luta com firmeza para salvar todos os indivíduos. Pois se fosse da vontade dele que todos os seres humanos fossem salvos, então ninguém poderia se perder. “Pois quem jamais resistiu à sua vontade?” (Rm 9.19).

Esses versículos apenas ensinam que Deus é benevolente, e que ele não se deleita nos sofrimentos de suas criaturas, como o pai humano não se deleita na punição que às vezes precisa infligir ao filho. A palavra “vontade”^[3] é usada em diferentes sentidos na Escritura, bem como em nossa conversação do dia a dia. Ela é usada às vezes com o sentido de “desejo” ou “propósito”. O juiz justo não tem vontade (desejo) de enforçar alguém ou condenar à prisão, embora tenha a vontade (pronuncie sentença) de punir o culpado. No mesmo sentido, e por razões suficientes, um homem pode expressar a vontade de ter um membro removido, ou um olho retirado, mesmo que com certeza não o deseje.

Os arminianos insistem que em 2 Pedro 3.9 as palavras “nenhum” e “todos” se referem a toda a humanidade sem exceção. Mas é importante em primeiro lugar observar a quem essas palavras foram endereçadas. No primeiro versículo do capítulo 1, descobrimos que a epístola não é endereçada à humanidade, mas aos cristãos: “... aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo”. Em um versículo precedente (3.1), Pedro se dirige a quem estava escrevendo como “amados”. E quando olhamos para o versículo como um todo, não só para a última parte, descobrimos que não se trata de um versículo sobre salvação, mas sobre a segunda vinda! Ele começa dizendo: “não retarda o Senhor a sua promessa” [singular]. Que promessa? O versículo 4 nos diz: “a promessa da sua vinda”. A referência é à sua segunda vinda, quando Cristo virá para julgar, e os ímpios perecerão no lago de fogo. O versículo faz referência a um grupo limitado. Ele diz que o Senhor é “longânimo para convosco”, seus eleitos, muitos dos quais ainda não haviam sido regenerados, e que, portanto, não chegaram ao arrependimento. Portanto, podemos de forma muito apropriada ler o versículo 9 da seguinte forma: “Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum de nós pereça, senão que todos nós cheguemos ao arrependimento”.

Com respeito a 1 Timóteo 2.4, 6: “o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade [...] o qual a si mesmo se deu em resgate por *todos*”, devemos lembrar que o termo *todos* é usado em vários sentidos na Escritura. Às vezes significa todos os homens sem distinção, e não todos os homens sem exceção: judeus e gentios, escravos e livres, homens e mulheres, ricos e pobres. E em 1 Timóteo 2.4-6 o termo é usado com clareza nesse sentido. Ao longo de muitos

séculos os judeus foram, com poucas exceções, os recipientes exclusivos da graça salvadora de Deus. Eles haviam se tornado o povo mais intensamente nacionalista e intolerante do mundo. Em vez de reconhecer sua posição de representantes de Deus para todos os povos do mundo, eles tomaram essas bênçãos para si. Mesmo os primeiros cristãos, por um tempo, estiveram inclinados a se apropriar da missão do Messias apenas para si mesmos. A salvação dos gentios era um ministério desconhecido em outras eras (Ef 4.6; Cl 1.27). Tão rígido era o exclusivismo farisaico que os gentios eram chamados impuros, comuns, pecadores, até mesmo cães; não era lícito a um judeu fazer companhia ou manter quaisquer negócios com os gentios (Jo 4.9; At 10.28; 11.3). Após um judeu ortodoxo ir à feira, onde entraria em contato com gentios, ele era considerado impuro (Mt 7.4). Depois de Pedro pregar ao centurião romano Cornélio e às outras pessoas reunidas em sua casa, ele foi repreendido com severidade pela igreja de Jerusalém, e quase podemos ouvir o suspiro de admiração após ouvir o relato de Pedro: “Logo, também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para vida” (At 22.15); isto é, nem todo indivíduo no mundo, mas da mesma forma a judeus e gentios. Usado nesse sentido, “todos” não se refere a indivíduos, apenas à humanidade em geral.

Quando se diz que João Batista: “Saíam a ter com ele toda a província da Judeia e todos os habitantes de Jerusalém; e, confessando os seus pecados, eram batizados por ele no rio Jordão” (Mc 1.5), sabemos que nem todos os indivíduos responderam desse modo. Lemos que depois de Pedro e João terem curado o coxo na porta do templo, “todos glorificavam a Deus pelo que acontecera” (At 4.21). Jesus disse aos discípulos: “De todos seriam odiados” por causa do seu nome (Lc 21.17). E quando Jesus declarou: “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo” (Jo 12.32), sem dúvida não quis afirmar que cada

indivíduo da humanidade seria atraído a ele. Ele quis dizer que judeus e gentios, homens de todas as nações e raças, seriam atraídos a ele. Isso é o que vemos acontecer atualmente.

Lê-se em 1 Coríntios 15.22: “Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo”. Esse versículo é citado com frequência pelos arminianos para provar a expiação ilimitada ou universal. O versículo se encontra no famoso capítulo de Paulo sobre a ressurreição, e o contexto deixa claro que ele não fala sobre a vida nesta era, quer física ou espiritual, mas sobre a vida na ressurreição. Cristo foi o primeiro a entrar na vida da ressurreição, então, quando ele voltar, seu povo também entrará em sua vida ressurreta. E o que Paulo diz é que naquele tempo a vida da ressurreição gloriosa se tornará realidade, não para toda a humanidade, mas para todos os que estão em Cristo. Esse ponto é ilustrado pelo bem conhecido fato de que a raça caiu em Adão, que agiu como seu cabeça federal e representante. Quando Paulo diz isso: “Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo” (v. 22), ele não se refere a algo passado, nem a algo presente, mas a algo futuro; e isso não tem nenhuma relevância para a controvérsia entre calvinistas e arminianos.

Dois outros versículos bastante citados em defesa do arminianismo são: “Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo” (Ap 3.20); e “quem quiser receba de graça a água da vida” (Ap 22.17). Esse convite geral é estendido a todos os homens. Ele pode ser, e muitas vezes é, o meio usado pelo Espírito Santo para despertar em certos indivíduos o desejo para salvação, estando Deus em ação com poder sobrenatural para regenerá-los. Mas esses versículos, tomados por si mesmos, são incapazes de levar em consideração a verdade já enfatizada neste artigo,

que o homem caído se encontra espiritualmente morto, e que como tal ele é incapaz de responder ao convite, como os anjos caídos e demônios. O homem caído está morto em sentido espiritual tanto quanto o corpo de Lázaro estava morto, até Jesus exclamar em alta voz: “Lázaro, sai para fora”. Foi o que Jesus explicou ao fariseu Nicodemos: “Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo [ou, do alto], não pode ver o reino de Deus” (Jo 3.3). E disse aos fariseus: “Qual a razão por que não compreendeis a minha linguagem? É porque sois incapazes de ouvir a minha palavra” (Jo 8.43). À parte da assistência divina ninguém pode ouvir o convite ou usar a própria vontade para vir a Cristo.

A declaração de que Cristo morreu por “todos” torna-se clara pelo cântico entoado pelos remidos perante o trono do Cordeiro: “Foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação” (Ap 5.9). Muitas vezes a palavra “todos” deve ser entendida com o significado de todos os eleitos, toda a igreja de Deus, todos as pessoas dadas pelo Pai ao Filho — como na oportunidade em que Cristo diz: “Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim” (Jo 6.37) —, mas não todos os homens em sentido universal e cada homem individualmente. A hoste redimida será constituída de homens de todas as classes e condições de vida, príncipes e camponeses, ricos e pobres, escravos e livres, homens e mulheres, judeus e gentios, homens de todas as nações e raças. Esse é o verdadeiro universalismo da Escritura.

Os CONTRASTE DOS DOIS SISTEMAS

Temos dito que o cristianismo encontra sua expressão mais plena na fé reformada. A grande vantagem da fé reformada é que na estrutura dos cinco pontos do calvinismo ela apresenta com clareza o que a Bíblia ensina com respeito ao caminho da salvação. Só quando essas verdades são vistas como uma unidade em relação alguém pode entender ou apreciar de fato o sistema cristão em toda a sua força e beleza.

A razão pela qual tantos cristãos têm apenas uma fé fraca, e tantas igrejas apresentam só uma forma bem superficial de cristianismo, é que eles nunca observam realmente o sistema de acordo com sua coerência lógica. Não é suficiente que o cristão professo saiba ser amado por Deus e que seus pecados foram perdoados. Ele deveria saber de que modo e o motivo da consumação da sua redenção e como ela se tornou eficaz. E isso é apresentado de maneira sistemática pelos cinco pontos do calvinismo.

Ao longo da história, os cinco pontos do calvinismo são defendidos pelas igrejas presbiterianas, reformadas e por muitos batistas, enquanto a substância do arminianismo é afirmada pelas igrejas metodistas e luteranas e também por muitos batistas.

Os cinco pontos do calvinismo podem ser lembrados com mais facilidade se os associarmos ao acrônimo T-U-L-I-P:

T – *Total Inability* [Incapacidade total]

U – *Unconditional Election* [Eleição incondicional]

L – *Limited Atonement* [Expiação limitada]

I – *Irresistible (Efficacious) Grace* [Graça irresistível (eficaz)]

P – *Perseverance of the Saints* [Perseverança dos santos]

O material a seguir, extraído de *Romans: an Interpretive Outline*, de David N. Steele e Curtis Thomas, ministros batistas em Little Rock (Arkansas, EUA), contrasta os cinco pontos do calvinismo com os cinco pontos do arminianismo da forma mais clara e concisa que já encontramos. Ele aparece também como apêndice em *The Reformed Doctrine of Predestination* [A doutrina reformada da predestinação], livro do presente autor.

Os “CINCO PONTOS” DO ARMINIANISMO

1. Livre-arbítrio ou capacidade humana

Embora a natureza tenha sido seriamente afetada pela Queda, o homem não foi deixado no estado de desespero espiritual total. Deus capacita com sua graça todo pecador a se arrepender e crer, mas não interfere na liberdade humana. Cada pecador possui livre arbítrio, e seu destino eterno depende de como ele o usa. A liberdade do homem consiste na capacidade de escolher o bem sobre o mal em questões espirituais; sua vontade não está escravizada pela natureza pecaminosa. O pecador tem o poder de cooperar com o Espírito de Deus e ser regenerado ou resistir à graça divina e perecer. O pecador perdido carece da assistência do Espírito, mas não será regenerado pelo Espírito antes de poder crer, pois a fé é um ato humano e precede o novo nascimento. A fé consiste no dom do pecador para Deus; é a contribuição do homem para a salvação.

2. Eleição condicional

A escolha divina de certos indivíduos para a salvação antes da fundação do mundo teve por base a presciência de Deus: ele sabia quem responderia a seu chamado, e selecionou só as pessoas que escolheriam crer de forma deliberada no evangelho. A eleição, portanto, foi determinada ou condicionada pela ação humana. A fé prevista por Deus, e sobre a qual ele baseou sua escolha, não foi concedida ao pecador por Deus (nem foi criada pelo poder regenerador do Espírito Santo); ela resultou de modo exclusivo da vontade do homem. O ato de crer e por isso ser eleito para a salvação jazia de modo integral sob o a esfera de atuação humana. Deus escolhe as pessoas que ele sabia de antemão que, por sua vontade livre, escolheriam a Cristo. Dessa forma, a escolha de Cristo pelo pecador, e não a escolha do pecador por Deus, é a causa última da salvação.

3. Redenção universal ou expiação geral

A obra redentora de Cristo tornou possível que o mundo todo fosse salvo, mas não assegurou de fato a salvação de ninguém. Embora Cristo tenha morrido por todos os homens (em sentido coletivo e individual), só os que creem nele são salvos. Sua morte tornou possível o perdão divino para os pecadores, sob a condição de que eles cressem, mas, na realidade, não perdoou os pecados de ninguém. A redenção realizada por Cristo torna-se eficaz apenas se os homens escolherem aceitá-la.

4. O Espírito Santo pode ser eficazmente resistido

O Espírito chama no íntimo todos os chamados exteriormente pelo convite do evangelho; ele faz tudo que pode para conduzir cada pecador à salvação. No entanto, como o homem é livre, ele pode resistir com sucesso ao chamado do Espírito. O Espírito não pode regenerar o pecador até que ele creia; a fé precede e torna possível o novo nascimento (pois ela consiste na contribuição humana). Dessa forma, o livre-arbítrio do homem limita o Espírito na aplicação da obra salvadora de Cristo. O Espírito Santo pode atrair a Cristo só os que lhe dão permissão para fazer desse modo. Até que o pecador responda, o Espírito não pode conceder vida. A graça de Deus, portanto, não é invencível; ela pode, e muitas vezes o é, resistida e frustrada pelo homem.

5. Queda da graça

Os que creem e são salvos de verdade podem perder a salvação pela falha em manter a própria fé etc. Nem todos os arminianos concordam neste ponto; alguns afirmam que os crentes se encontram seguros para sempre em Cristo: uma vez que o pecador tenha sido regenerado, ele nunca mais poderá se perder.

De acordo com o arminianismo:

A salvação é realizada pela combinação dos esforços de Deus (que toma a iniciativa) e do homem (que deve responder). No entanto, a resposta humana é o fator determinante. Deus proveu a salvação para todos, mas ela só se torna eficaz para quem, valendo-se do livre-arbítrio, “escolher” cooperar com ele e aceitar sua oferta de paz. No ponto crucial, a vontade do homem desempenha o papel decisivo; dessa forma o homem, e não Deus, determina os recipientes do dom da salvação.

Os “CINCO PONTOS” DO CALVINISMO

1. Incapacidade total ou depravação total

Por causa da Queda, o homem é incapaz de, por si mesmo, crer no evangelho para ser salvo. O pecador está morto, cego e surdo para as coisas de Deus; seu coração é enganoso e desesperadamente corrupto. Sua vontade não é livre, ela está aprisionada à sua natureza má e, portanto, ele não irá — na verdade, não pode — escolher o bem em vez do mal na esfera espiritual. Como consequência, é necessário muito mais que a assistência do Espírito para conduzir um pecador a Cristo — requer-se a regeneração pela qual o Espírito vivifica o pecador e lhe concede uma nova natureza. A fé não consiste em algo com que o homem contribui para a salvação; ela mesma é uma dádiva divina — é o dom de Deus ao pecador, não um presente do pecador para Deus.

2. Eleição incondicional

A escolha de certos indivíduos por Deus para a salvação antes da fundação do mundo reside apenas em sua vontade soberana. A escolha de pecadores particulares não se baseou em nenhuma resposta de obediência prevista da parte deles — como fé, arrependimento etc. Ao contrário, Deus concede a fé e o arrependimento a cada indivíduo por ele selecionado. Esses atos resultam da escolha de Deus, e não equivalem à sua causa. A eleição, portanto, não foi determinada ou condicionada por alguma qualidade virtuosa ou ato previsto no homem. Deus conduz pelo poder do Espírito à aceitação voluntária de Cristo a quem ele elegeu em sua soberania. Assim, a causa última da salvação reside no fato de o pecador ter sido escolhido por Deus, e não na escolha de Deus pelo pecador.

3. Redenção particular ou expiação limitada

A obra redentora de Cristo teve a intenção de salvar apenas os eleitos, e de fato assegurou a salvação para eles. Sua morte consistiu em suportar a penalidade do pecado no lugar de certos pecadores específicos, como substituto deles. Além de perdoar os pecados do seu povo, a redenção realizada por Cristo assegurou todo o necessário para a salvação dele, incluindo a fé que o une a ele. O dom da fé é aplicado de maneira infalível pelo Espírito a todas as pessoas pelas quais Cristo morreu, garantindo assim a salvação delas.

4. O chamado eficaz do Espírito ou graça irresistível

Em adição ao chamado geral à salvação — feito a todos os ouvintes do evangelho —, o Espírito estende aos eleitos um chamado interno especial que os conduz de forma inevitável à salvação. O chamado interno (feito apenas aos eleitos) não pode ser rejeitado; ele sempre resulta em conversão. Por meio desse chamado especial o Espírito leva de modo irresistível os pecadores a Cristo. Na obra de aplicar a salvação, ele não está limitado pela vontade humana, nem depende da cooperação do homem para obter sucesso. O Espírito faz com sua graça o pecador eleito cooperar, crer, arrepender-se e vir de forma livre e voluntária a Cristo. Portanto, a graça de Deus é invencível; ela nunca falha em realizar a salvação daqueles a quem é estendida.

5. Perseverança dos santos

Todos os escolhidos por Deus, redimidos por Cristo, e recipientes da fé pelo Espírito estão salvos para sempre. Eles são guardados pelo poder do Deus Altíssimo e, assim, perseveram até o fim.

De acordo com o calvinismo:

A salvação é realizada pelo poder todo-poderoso do Deus trino. O Pai escolheu um povo, o Filho morreu por ele, o Espírito Santo torna a morte de Cristo eficaz para trazer os

eleitos à fé e ao arrependimento, fazendo com que eles obedeçam com disposição ao evangelho. Todo o processo (eleição, redenção, regeneração) é a obra de Deus e decorre apenas de sua graça. Dessa forma Deus, e não o homem, determina os recipientes do dom da salvação.

Amém.

SOBRE O LIVRO

Eis uma exposição breve e lúcida das doutrinas principais da fé reformada no tocante à salvação. Dr. Boettner explica a soberania de Deus, a total desesperança do homem, a expiação realizada por Cristo, a presciência e preordenação de Deus e as passagens universalistas na Escritura. Ao fazê-lo, apresenta com clareza o contraste entre as posições reformada e arminiana.

Loraine Boettner teve uma vida longa e produtiva como autor e professor de Bíblia. Seus outros livros incluem *Studies in Theology* [Estudos de teologia], *The Reformed Doctrine of Predestination* [A doutrina reformada da predestinação], *The Millennium* [O milênio], *Immortality* [Imortalidade], *A Harmony of the Gospels* [Harmonia dos evangelhos] e *Roman Catholicism* [Catolicismo romano].

APÊNDICE: LORAINÉ BOETTNER: TEÓLOGO E ESCRITOR AMERICANO (1901-1990)^[4]

Loraine Boettner nasceu em 7 de março de 1901 em Linden (Missouri), uma pequena cidade cerca de sete milhas a noroeste de Rock Port, Missouri, filho do senhor e da senhora William Boettner. Sua educação de nível fundamental deu-se nas escolas *Lone Cedar* e *Fairview*, na zona rural no noroeste do Missouri. Frequentou então a *Tarkio High School*, seguido de um breve curso em agricultura numa escola em Columbia (Missouri), pretendendo naquele tempo tornar-se fazendeiro.

Mas reconhecendo a necessidade de educação adicional, ele entrou no *Tarkio College*,^[5] uma escola presbiteriana em Tarkio (Missouri). Boettner graduou-se na Tarkio em 1925, com o título de bacharel em Ciência, *cum laude*. Foi durante seu tempo em Tarkio que ele teve como mentor um de seus professores, o dr. J.B. Work. Anos mais tarde Boettner diria a seus visitantes que foi sob a instrução do dr. Work que ele se tornou um pós-milenarista.

Ao graduar-se, Loraine Boettner começava a explorar a possibilidade do chamado de Deus sobre sua vida, e assim entrou no *Princeton Theological Seminary*, em Princeton (New Jersey), no outono de 1925. Como estudante, uniu-se a um dos clubes de janta conhecido como *Warfield Club*. Boettner gastou um total de quatro anos em Princeton, graduando-se ali primeiro com o título de Th.B. em 1928 e então com o título de Th.M. em 1929.

Após a conclusão de seu trabalho em Princeton, Boettner assumiu a posição de professor da Bíblia no *Pikeville College*, em Kentucky, ensinando ali de 1929 a 1937. Foi quando esteve ali que conheceu e se casou com a senhorita Lillian Henry, uma nativa do leste do Tennessee que também ensinava em Pikeville. Durante os seus anos

em Pikeville, ele também trabalhou para finalizar seus três primeiros livros publicados. Foram os seguintes: *The Reformed Doctrine of Predestination* (1932), *A Summary of the Gospels* (1933) e *The Inspiration of the Scriptures* (1937).

Embora o motivo não nos seja claro, os Boettner's se mudaram para Washington, D.C. no final de 1937, residindo ali por onze anos. Durante esses anos ele continuou a escrever, e de 1942 a 1947 Loraine trabalhou para o Departamento do Tesouro. Eis o que consta no relato biográfico fornecido no funeral do rev. Boettner: "Aqueles anos incluíram a Segunda Guerra Mundial, de 1939 a 1945, tempo em que os Estados Unidos obtiveram vitória completa tanto sobre a Alemanha como sobre o Japão. Aqueles foram anos muito interessantes de estar em Washington, com aquela cidade sendo então, com efeito, a capital do mundo livre, com intensa atividade nacional e internacional".

Em 1948 os Boettner's se mudaram novamente, desta vez para Los Angeles (Califórnia), por conta da saúde debilitada de Lillian Boettner. A mudança para Los Angeles foi, aparentemente, uma questão de conveniência, pois duas das irmãs dela viviam ali e tinham voluntariamente se oferecido para ajudar em seus cuidados. A saúde da senhora Boettner continuaria a declinar até a sua morte em 1958.

De 1958 até a sua morte em 1990, dr. Boettner viveu uma vida bem tranquila em Rock Port. Em 1933, tinha sido premiado com o título honorário de doutor em teologia pelo *Tarkio College*. A honra adicional de doutorado em literatura foi conferida por Tarkio em 1957, um ano antes da morte de sua esposa. Embora até aquele momento seus livros tivessem venda modesta, foi de fato nos anos posteriores ao seu retorno a Rock Port que o dr. Boettner começou a

entrar no ministério pelo qual é tão afetuosamente lembrado.

Durante seus 32 anos restantes de vida, vendeu generosamente seus livros a preço de custo para qualquer pessoa que escrevendo, os solicitasse. Ao fazê-lo, Boettner tornava prontamente disponível boa teologia conservadora em um tempo em que esse material dificilmente era encontrado. Por meio de seus escritos, ele popularizou a fé reformada e influenciou literalmente dezenas de milhares de homens e mulheres ao redor do mundo. Em algumas semanas, mais de 800 pedidos chegavam ao correio de Tarkio, o dr. Boettner assinaria cada um deles, para então embrulhar e despachá-los. Era muito generoso e sempre se alegrava em hospedar estudantes ou estudiosos visitantes ocasionais, sempre às suas próprias custas. Dr. Boettner era um homem muito humilde e despretensioso. Ele desejaria que fôssemos cuidadosos em apontar, e concordamos com isso, que ao prestar-lhe esta homenagem, nosso propósito não seria exaltar o dr. Boettner, mas antes dar graças a seu e nosso Senhor pela obra que Deus realizou por meio de um de seus servos.

[1] *The Presbyterian Guardian*.

[2] Esta frase faz parte do refrão do hino *Holy, holy is what the angles sing* [*Santo, santo é o que os anjos cantam*], cuja letra foi escrita por Johnson Oatman Jr. e a música por John R. Sweney. [N. do R.]

[3] “Will”, no original. [N. do T.]

[4] Texto extraído e traduzido do site <http://www.pcahistory.org>.

[5] O Tarkio College foi aberto em 1883 e fechou suas portas em maio de 1991.